

EDUCAÇÃO ESPECIAL: EXPERIÊNCIA DO PROJETO DE INCLUSÃO “TROCANDO CARTAS”

SPECIAL EDUCATION: EXPERIENCE OF THE INCLUSION PROJECT “EXCHANGING LETTERS”

Rita Ferreira da Silva¹

RESUMO: O presente trabalho tem o objetivo de apresentar o relato de experiência do projeto “Trocando Cartas”, realizado com os alunos e usuários da Associação de Pais e Amigos dos Excepcionais de Piraju – APAE de Piraju (SP). Este projeto de intervenção terapêutica, realizado pelo setor de psicologia, teve como escopo proporcionar aos participantes, condições para a valorização pessoal, elevação da autoestima, interação social e, principalmente, o desenvolvimento de suas habilidades de vida diária e de vida prática. Para a aplicação desta proposta utilizamos como embasamento teórico a teoria de Pichon Rivière. Por meio do projeto “Trocando Cartas”, os alunos e usuários envolvidos na proposta realizaram descobertas pessoais no sentido de habilidades motoras, cognitivas e sociais ainda não exploradas anteriormente. Este projeto atendeu pessoas com diagnóstico de deficiência intelectual, deficiência múltipla e autismo. Estima-se que 100 pessoas, entre a faixa etária de sete a setenta anos, foram beneficiadas por esta intervenção institucional.

Palavras-chave: Psicologia; Desenvolvimento; Educação Especial; Grupo-operativo.

ABSTRACT: The purpose of this paper is to present the experience of the project “Exchanging Letters”, realized with the students and users of the Association of Parents and Friends of the Exceptional of Piraju - APAE of Piraju (SP). This project of therapeutic intervention was aimed at providing participants with conditions for personal appreciation, elevation of self-esteem, social interaction and, above all, the development of their everyday life and practical life skills. For the application of this proposal we use as theoretical basis the Pichon Rivière theory. Through the “Exchanging Letters” project the students and users involved in the proposal made personal discoveries in the sense of motor, cognitive and social skills not yet explored previously. This project served people diagnosed with intellectual disability, multiple disabilities and autism. It is estimated that 100 people aged between seven and seventy years were benefited by this institutional intervention.

Keywords: Psychology; Development; Special Education; Operational Group.

INTRODUÇÃO

Com o movimento brasileiro de inclusão da pessoa com deficiência intelectual² na sociedade, a habilitação e a reabilitação psicossocial destes indivíduos tornou-se um importante marco, permitindo a realização de intervenções institucionais e sociais. As APAEs “Associação de Pais e Amigos dos Excepcionais”, conhecidas também como, escolas de ensino especializado, por meio do Estatuto da Pessoa com

1 Possui graduação em Pedagogia pela Faculdade Paulista São José(2018), graduação em Psicologia pelo Centro Universitário das Faculdades Integradas de Ourinhos(2011), especialização em Educação Especial Inclusiva pela Faculdade Corporativa Cespi(2014) e especialização em Psicopedagogia Clínica e Institucional pela Universidade Estadual do Norte do Paraná(2013). Atualmente é Professor da Aprove Cursos e Psicóloga e Equoterapeuta do Associação de Pais e Amigos dos Excepcionais de Bernardino de Campos.

2 De acordo com o CID 10, a deficiência intelectual ou o retardo mental, caracteriza-se pela parada ou atraso do desenvolvimento cognitivo/intelectual, gerando um comprometimento das faculdades globais de desenvolvimento cognitivo. A deficiência intelectual pode ser classificada em: leve, moderada, grave e profunda.

Deficiência (BRASIL, 2015) e da Federação das APAEs do estado de São Paulo, vêm realizando a quebra de paradigmas sociais que colocam a pessoa com deficiência à margem da sociedade civil. O presente trabalho retrata a experiência desenvolvida no projeto de intervenção psicoeducacional “Trocando Cartas”, realizada durante o ano de 2018, pelo setor de psicologia, com os alunos³ e usuários⁴ da APAE Associação de Pais e Amigos dos Excepcionais do município de Piraju (SP).

Conforme pontua Paulo Freire (2011), a aprendizagem quando realizada via exercício livre das consciências, permite ao educando e ao educador novos caminhos de construção e descoberta do conhecimento. A aprendizagem, seja qual for, deve ter movimento, deve permitir a criação e a expressão singular de cada sujeito envolvido nos processos de ensino e aprendizagem. Não obstante, Saraceno (1999), relata que a reabilitação e a inserção social são compostas por procedimentos que viabilizam o aumento das habilidades do sujeito com deficiência. Tais pressupostos corroboram para a compreensão do projeto “Trocando Cartas”, descrito neste relato de experiência.

Neste sentido, Kupfer (1997 p. 116), salienta que ao realizarmos intervenções institucionais com pessoas deficientes, dentro de instituições educacionais especializadas, o olhar do profissional deve estar atento para qualquer tipo de evolução reabilitadora ou de transformação comportamental, pois no ambiente institucional educativo, toda e qualquer atividade proposta “deve funcionar como uma ferramenta terapêutica”. Dessa forma, a troca de cartas, apesar de aparentemente ser uma atividade simples, dentro do ambiente escolar, exerce uma função significativa para o processo integral do desenvolvimento humano, pois os sujeitos envolvidos no projeto puderam explorar livremente sua criatividade, além de construir uma rede de comunicação interinstitucional com os alunos e usuários de outra escola de ensino especializada, Associação de Pais e Amigos dos Excepcionais do município de Ipaussu (SP).

Considerando a proposta de intervenção utilizada, pelo setor de psicologia, a confecção de cartas, devemos lembrar que estas são um dos meios de comunicação interpessoal mais antigo do mundo. Sendo considerada como uma das primeiras formas de gênero textual existente, juntamente com os contos, mitos e lendas. Traçando um paralelo com o projeto aqui relatado, a carta pode ser considerada uma forma de expressão psicoemocional e social não verbal, o que nos permite realizar uma aliança terapêutica por meio de sua utilização, visto que os movimentos não verbais de comunicação e expressão, apresentam conteúdos manifestos que reportam ao sujeito que o fez, podendo ser trabalhados terapêuticamente.

METODOLOGIA

A execução ocorreu em etapas integradas e articuladas ao processo de participação dos alunos e usuários da APAE de Piraju (SP), em consonância com os alunos e

3 O público alvo das APAE's preferencialmente são pessoas com deficiência intelectual, deficiência múltipla (deficiência intelectual associada a outros impedimentos) e autistas. As pessoas que se enquadram neste perfil e que se encontram entre a faixa etária dos seis aos vinte e nove anos, podem ser matriculadas nesta escola de ensino especializado, e assim utilizar a oferta de serviço educacional básico que a instituição oferece. Como na rede regular de ensino, aqueles que se matriculam nesta escola obtém o número de identificação do aluno no Sistema de Cadastro de alunos da Secretaria de Estado da Educação de São Paulo. Desta forma, são considerados discentes/alunos da escola de ensino especializado.

4 São considerados usuários das APAE's as pessoas com deficiência intelectual, deficiência múltipla e autistas com idade igual ou superior de trinta anos. Este público é atendido pelo setor de assistência social, mais precisamente, nos centros de convivência. O serviço referido visa o fortalecimento de vínculo, a proteção, a qualidade de vida e a garantia dos direitos das pessoas com deficiência.

usuários da APAE de Ipaussu (SP). As ações do projeto foram desenvolvidas mensalmente, através dos eixos estratégicos e dos objetivos, citados a seguir, que desejávamos alcançar. O processo de planejamento englobou as fases de organização do projeto com a estrutura teórico- metodológica, observação das necessidades dos alunos e usuários, estrutura e recursos que estariam disponíveis para o uso, execução do projeto mensal (a elaboração da carta), execução de atividades socioeducacionais e pedagógicas semanais (relacionadas ao tema) e realização de relatório com os resultados obtidos ao final de cada mês.

A fase de implantação e execução compreendeu reuniões com a equipe do setor de psicologia, composta pelas psicólogas, com a direção e coordenação da APAE de Piraju; reunião e fechamento de parceria para a execução do projeto com a direção e coordenação da APAE de Ipaussu, aquisição de materiais e recursos necessários, organização da agenda escolar para a execução do projeto, definição dos dias aos quais o projeto seria realizado em comum acordo com a APAE de Ipaussu e organização dos grupos para a execução da atividade.

Para operacionalização das etapas anteriores elencadas, a equipe do setor de psicologia manteve as condutas:

- Orientação para as profissionais de pedagogia durante toda a gestão do projeto;
- Discussões sobre os pontos positivos ou negativos observados pela equipe em ATPC (Aula de Trabalho Pedagógico Coletivo);
- Reuniões do setor de psicologia visando verificar o desenvolvimento dos participantes do projeto, diante das tarefas executadas;
- Elaboração do material sugerido para ser trabalhado na carta;
- Atendimento psicológico individualizado para os alunos ou usuários que apresentassem demandas terapêuticas durante o trabalho em grupo;
- Registros mensais de alunos e usuários participantes e relatório específico realizado pelo setor de psicologia.

É importante ressaltarmos que o projeto “Trocando Cartas” tinha como escopo:

- Formar uma rede de comunicação APAE Piraju e APAE Ipaussu;
- Promover que os alunos conheçam vários tipos de comunicação;
- Realizar a produção de cartas (pelos próprios alunos);
- Promover o conhecimento do processo dos correios;
- Estimular a socialização;
- Trabalhar a ansiedade;
- Trabalhar o conceito de tempo;
- Trabalhar o conceito de espaço (municípios);
- Promover a aquisição da atividade de vida prática de envio postal Remetente/ Destinatário;
- Trabalhar valores monetários (selos);
- Promover a identificação de gêneros (feminino/masculino);
- Estimular a coordenação motora grossa e fina.

O PROJETO “TROCANDO CARTAS”: O INÍCIO

A demanda para este projeto surgiu mediante a necessidade do setor de psicologia, de realizar uma intervenção terapêutica de ordem socioeducacional que pudesse atender a todos os alunos em idade escolar, ou seja, entre 6 a 29 anos de idade, assim como os usuários do serviço de assistência social, assistidos nas turmas de “Centros de Convivência”,⁵ com idade de 30 anos ou mais. De acordo com Suplino (2005), o projeto deveria promover o desenvolvimento das atividades de vida diária,⁶ o desenvolvimento motor, a socialização, assim como ganhos psíquicos e emocionais, na autoestima e no trabalho com a ansiedade. Desta forma, o setor de psicologia da entidade de ensino especializado APAE de Piraju (SP), pensou na possibilidade de implementar o projeto “Trocando Cartas”. Tal projeto apresentaria como escopo a formação de uma rede de comunicação entre a APAE de Piraju (SP) e outra entidade de ensino especializado de uma cidade circunvizinha, visando promover o desenvolvimento das habilidades dos alunos e usuários, assim como ganhos emocionais e de interação social.

O desenvolvimento textual do projeto “Trocando Cartas”, foi finalizado e apresentado para a equipe diretora da entidade (coordenadora pedagógica e diretora), que aprovaram a implementação do projeto, assim como a sua execução, no primeiro semestre do ano letivo de 2018. Após a aprovação dos responsáveis legais da entidade APAE de Piraju (SP), o setor de psicologia, entrou em contato com a coordenadora pedagógica da Associação de Pais e Excepcionais do município de Ipaussu (SP), que juntamente com o diretor responsável, aceitaram a parceria para a realização do projeto.

ANÁLISE DE RESULTADOS: O PROJETO EM AÇÃO

No mês de fevereiro de 2018, as psicólogas responsáveis, realizaram uma orientação breve para as sete classes escolares e nas três turmas de centro de convivência participantes, visando explicar para os alunos e usuários como funcionaria o projeto, assim como verificar qual o conhecimento prévio deles referente ao objeto carta. Neste processo, foi possível verificar que a grande maioria dos alunos e usuários não sabia o que era efetivamente uma carta, correios ou postagem. Em sua grande maioria, os alunos apontaram apenas como uma possível carta, os bilhetes de amor.

Os assistidos, demonstraram interesse no assunto proposto, assim como aceitaram participar do projeto “Trocando Cartas”, salientamos que alguns alunos e usuários não quiseram participar, fato este que foi respeitado pela equipe, visto que nenhum tipo de intervenção socioeducacional e/ou terapêutica é imposta para eles. Os alunos e usuários têm liberdade para participarem ou não de quaisquer atividades extracurriculares ofertadas.

Durante todo o mês de fevereiro, as professoras trabalharam com os alunos e usuários os procedimentos e ferramentas utilizadas para a elaboração e envio de cartas: remetente, destinatário, selos, o uso dos correios, endereço, uso do Código

5 O centro de convivência é um projeto de atendimento às pessoas com deficiência intelectual com idade acima de trinta anos, egressos da escola de educação especial. Esta modalidade de atendimento socioeducacional tem por objetivo proporcionar aos usuários a manutenção de suas capacidades físicas, sociais e intelectuais, visando a autonomia e a independência de cada sujeito, promovendo a inclusão social.

6 Assim como nos explicita Suplino (2005), atividade de vida diária refere-se a qualquer habilidade que uma pessoa precisa executar para ter êxito e participação no meio social ao qual vive.

de Endereçamento Postal (CEP) e outros. Após estas tarefas,⁷ o discurso dos alunos e usuários já começou a se modificar, muitos passaram a compreender o motivo pelo qual as contas mensais chegavam por meio daquela “caixinha do portão de casa”, e passaram a considerar as contas e boletos como um tipo de correspondência.

Em março de 2018, demos início à troca de cartas. Na data de elaboração da primeira carta, alguns alunos e usuários manifestaram certa timidez para elaborarem suas cartas, outros estavam empolgados com o projeto. Neste primeiro momento, exploramos as habilidades de cada um, permitindo que a carta fosse feita livremente, ou seja, os alunos e usuários poderiam se expressar espontaneamente, por meio de escrita formal, desenhos, rabiscos, colagens e pinturas com tinta guache. Ressaltamos que aqueles com maior comprometimento intelectual e/ou motor receberam apoio verbal e físico. Na ocasião os alunos e usuários participantes em sua maioria desejaram elaborar uma carta de apresentação, para os amigos da APAE de Ipaussu (SP), com dados pessoais (nome, idade e o que gostavam de fazer), acompanhados de um autorretrato. Aqueles que por ventura não quiseram desenhar, expressaram sua identidade carimbando a palma da mão na carta com tinta guache, na cor de sua escolha. No final da elaboração das cartas, estas foram colocadas em envelopes, para assim serem entregues para os alunos e usuários da APAE de Ipaussu (SP).

Em abril, os alunos receberam a resposta das primeiras cartas enviadas. Mediante a isso, trabalhamos com eles o conceito de responsabilidade, ansiedade, afetividade, amizade e questões como o tempo de envio e os limites municipais. Salientamos que independente do agravo da deficiência intelectual ou física, todos os alunos envolvidos realizaram as atividades propostas, visto que os materiais e recursos pedagógicos e/ou terapêuticos são adaptados dentro das condições de cada um, permitindo a participação igualitária de todos, assim como nos orienta Suplino (2005). Ainda no mês de abril, executamos a elaboração da segunda carta, nesta o trabalho grupal voltou-se para a construção de um laço de amizade entre os remetentes e destinatários. Os alunos e usuários assistidos demonstraram alegria por terem recebido a resposta de sua correspondência, e de modo geral, escolheram fazer uma carta de amizade e agradecimento. Os temas com maior incidência foram desenhos de flores e de grupos de amigos brincando, o material usado para colorir foi o lápis de cor e o giz de cera. Saliento, que alguns usuários do centro de convivência, optaram pela escrita, colocando o desenho em sua carta apenas como um complemento.

Para ilustrar como a proposta teve repercussão positiva, gostaríamos de apresentar dois destaques, ocorridos no dia de confeccionar as cartas: o primeiro, foi um aluno de 28 anos, que estava demonstrando resistência para participar do projeto e que, após ver as cartas que os colegas de sala receberam (em resposta à primeira carta enviada), demonstrou desejo de estar ingressando no projeto. E, o segundo caso, de um aluno com 23 anos, com comprometimento intelectual e motor grave, apresentou reações emocionais (expressões faciais) ainda não observadas anteriormente, em outras atividades. Em tais expressões faciais e sons emitidos ficava perceptível que a elaboração da carta estava sendo prazerosas para o jovem, ou seja, era do seu desejo estar executando a atividade proposta.

7 Referente os grupos operativos, a tarefa, caracteriza-se como a atividade terapêutica realizada pelo grupo como um todo. A tarefa pode ser a mais variada possível, porém ela caracteriza-se como uma tarefa de um grupo operativo por ter elaboração psíquica concomitante (CASANHO, 2012).

Todos os assistidos participaram de maneira efetiva da elaboração da carta resposta. Analisando o grupo⁸ assistido pelo projeto sob a perspectiva terapêutica, pode-se pontuar que os alunos e usuários demonstraram elevação da autoestima, assim como diminuição de comportamentos ansiosos dentro do ambiente institucional.

De acordo com Lane (2007), devemos considerar que as atividades do projeto levaram os alunos e usuários a se fortalecerem enquanto grupo, capaz de executar atividades de vida prática, como o envio de uma carta. Desta forma, o processo grupal se fez primordial para que as intervenções terapêuticas fossem realizadas, obtendo assim, resultados satisfatórios.

Dando continuidade ao projeto, no mês de maio, realizamos, juntamente com todos os alunos e usuários da entidade, a elaboração da terceira carta. No que se refere aos avanços obtidos por meio da proposta em execução, notamos que os alunos e usuários já estavam demonstrando maior autonomia para fazer a carta, ou seja, houve diminuição de apoio verbal e físico para o desenvolvimento da atividade. Até usuários com maior comprometimento intelectual e/ou motor, apresentaram momentos de maior autonomia. É importante ressaltar, que neste mês nenhum usuário ou aluno resistiu ou se opôs à para participar do projeto. O grupo demonstrava estar cada vez mais consolidado e motivado em realizar a tarefa proposta (CASTANHO, 2012). Por meio da tarefa de elaboração de cartas, o grupo conseguia construir ações e oportunidades de aprendizagem e cuidados terapêuticos, indo além dos objetivos esperados, e realizando um processo de fortalecimento à saúde mental, via inserção social positiva e aumento de autonomia.

Na terceira carta, os alunos e usuários participantes do projeto, demonstraram desejo em realizar uma colagem para enviar para os seus amigos da APAE de Ipaussu (SP). Foram ofertadas revistas de assuntos variados, para que houvesse maior multiplicidade de figuras disponíveis. Por meio da colagem, os alunos e usuários, expressaram o seu olhar frente a cidade de Piraju (SP), o que eles mais costumavam ver nos seus passeios, como carros, casas, lojas, pessoas e animais. É de suma importância descrever que muitos dos nossos usuários e alunos por morarem na zona rural, retrataram sua vida na fazenda, com imagens de animais como vacas, cavalos, pastagens, estradas de terra e árvores. Os participantes do projeto que não quiseram fazer colagem com revista, escolheram desenhos impressos de temas variados para realizar uma colagem com papel crepom (bolinhas de papel crepom). Ambos os modelos de colagens estavam acompanhados de frases que expressavam o significado da colagem como: o sitio da minha avó, minha casa, minha cidade e a flor que eu mais gosto.

Em junho, o último mês de execução do projeto, os alunos e usuários participantes, optaram por elaborarem a quarta e última carta para os amigos da APAE de Ipaussu (SP), com temas festivos do mês: Copa do mundo e festa junina. Os desenhos foram em sua grande maioria pintados com giz de cera, lápis de cor ou guache e completados com frases e dizeres de amizade, boa festa junina e ótimas férias. Alguns usuários do centro de convivência (turma com idade igual ou superior a

8 O conceito de grupo, neste projeto terapêutico e socioeducacional, volta-se para a teoria de Pichon-Rivière dos grupos operativos. Um grupo operativo, assemelha-se ao funcionamento de um grupo familiar e pode ser descrito como um conjunto de pessoas em um tempo determinado, articuladas para a realização de uma tarefa, seja esta tarefa implícita ou explícita, que tenha como essência a aprendizagem e o tratamento terapêutico psíquico (CASTANHO, 2012).

trinta anos), optaram por realizar colagens com recorte de revistas. Segundo os assistidos pelo projeto, por meio da colagem eles queriam representar para os amigos, um pouquinho do seu dia a dia na APAE.

Em suma, podemos dizer que ao final do projeto, foram elaboradas quatro cartas, uma para cada respectivo mês de aplicação do projeto (março, abril, maio e junho) enviadas para os amigos da APAE de Ipaussu (SP), os alunos e usuários envolvidos com a proposta de intervenção institucional, em sua grande maioria, relataram satisfação, contentamento e superação com as cartas recebidas e enviadas. A porta-voz⁹ de um dos grupos relatou que o projeto permitiu que eles, enquanto grupo, descobrissem a possibilidade de fazer novas amizades, sem medo de pré-julgamentos, sem medo de não serem aceitos, o que possibilitou a quebra de dificuldades de interação social.

Visto que este é um relato de experiência profissional, torna-se importante relatarmos que no projeto “Trocando Cartas” tínhamos como intuito para sua finalização, um encontro entre os alunos e usuários da APAE de Piraju (SP) e da APAE de Ipaussu (SP), entretanto, devido a dificuldades deparadas por ambas as instituições, este encontro não foi possível de ser realizado.

CONCLUSÃO

O relato desta experiência demonstrou a construção de um processo grupal envolvendo alunos e usuários da entidade de ensino especializado APAE de Piraju (SP). Estes, a partir de uma simples atividade de troca de cartas com outra instituição de ensino especializado, APAE de Ipaussu (SP), tornou-se possível construir uma atividade dinâmica, organizada e produtiva que levou os assistidos pelo projeto a obterem uma significativa redução de danos sociais e elevação da autoestima, além da promoção do fortalecimento dos alunos e usuários enquanto grupo.

A intervenção terapêutica foi um dos elementos que compuseram o prosseguimento do projeto, mas não foi o único. A socialização, o empoderamento dos assistidos diante das suas habilidades e as evoluções das atividades de vida diária também podem ser destacadas. Durante a execução do projeto e na elaboração de cada carta, foi possível observar a promoção e a construção de expressões singulares de cada assistido, por meio da elaboração da tarefa.

Pode-se dizer que este projeto promoveu uma aprendizagem socioeducacional para os alunos e usuários, assim como, para os profissionais da entidade, que atuaram no projeto como mediadores da tarefa. Os mediadores observaram que as pessoas com deficiência intelectual ou múltipla, podem superar suas limitações a cada dia, no momento que menos se espera, e que uma atividade simples ou sem muita importância para alguns, pode sim, mudar o rumo de uma história, promovendo a quebra de paradigmas sociais ou estigmas, que às vezes até mesmo quem trabalha com este público pode vir a ter.

A multidisciplinaridade da proposta permitiu a construção de métodos de intervenções grupais ainda não explorados, como a socialização dos alunos e usuários da APAE de Piraju (SP) com os alunos e usuários de outra escola de ensino especializado, a construção de uma amizade por meio da comunicação concreta (a carta), a

9 O conceito pichoniano de porta-voz, assim como descreve Castanho (2012), quando uma pessoa está inserida em um grupo e ela fala algo sobre si, ela não está se referindo apenas a ela, mas sim ao grupo. Pois o que acontece com uma pessoa em um grupo, comunica algo ao conjunto.

ampliação das experiências afetivas entre os membros do grupo, a expressão simbólica (por meio dos desenhos, colagens e frases) de suas vivências de modo grupal (visto que muitos tinham vergonha de se expressar diante dos colegas), ampliação da comunicabilidade e execução de atividades de vida prática (uso do correio).

As evoluções conquistadas por cada membro grupal demonstram a superação e evolução da autoestima e da autonomia, surpreendendo todos os envolvidos, até mesmo os próprios alunos e usuários, que descobriram sua capacidade de participação na sociedade. Ademais este trabalho de inclusão social, por meio das terapias e da aquisição de autonomia nas atividades de vida diária, pode contribuir de modo significativo na vida de cada aluno ou usuário da APAE de Piraju (SP).

REFERÊNCIAS

BRASIL, Lei nº 13.146, de 06 de julho de 2015. Institui a Lei Brasileira de Inclusão da Pessoa com Deficiência (Estatuto da Pessoa com Deficiência). Disponível em: < http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2015-2018/2015/Lei/L13146.htm>. Acesso em 08 set. 2019.

CASTANHO P. Uma introdução aos grupos operativos: teoria e técnica. *Vínculo*, 2012, v.9, n. 1, p.1-60.

FREIRE P. *Educação como prática da liberdade*. 14. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2011.

KUPFER, M. C. *Educação para o futuro*. Psicanálise e educação. 4. ed. São Paulo: Escuta, 2013.

_____. Pré-escola terapêutica lugar de vida: um dispositivo para o tratamento de crianças com distúrbios globais do desenvolvimento. In: Souza, M. P. R. *Psicologia escolar: em busca de novos rumos*. 3 ed. São Paulo: Casa do Psicólogo. 1997. p. 113- 21.

LANE, S. T. M. O processo grupal. In: W. Codo & S.T. M. Lane. (org) *Psicologia social: o homem em movimento*. São Paulo: Brasiliense, 2007.

ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DA SAÚDE (OMS). CID-10 Classificação de transtornos mentais e de comportamento. Porto Alegre: Artes Médicas, 1993. p. 221-6.

SARACENO, B. A. A reabilitação como cidadania. In Saraceno, B. A. *Liberdade identidade: da reabilitação psicossocial à cidadania possível*. Rio de Janeiro: TeCorá, 1999.

SUPLINO, M. *Currículo funcional natural: guia prático para a educação na área do autismo e deficiência mental* - Brasília: Secretaria Especial dos Direitos Humanos, Coordenadoria Nacional para a Integração da Pessoa Portadora de Deficiência; Maceió: Assista, 2005. (Coleção de Estudos e Pesquisa na Área da Deficiência; v. 11).